

A ideia de biblioteca na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo

FRANCISCO ANTÓNIO LOURENÇO VAZ
Escola de Ciências Sociais – Universidade de Évora

Resumo

D. Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814) tem o seu nome ligado à criação das mais importantes Bibliotecas Patrimoniais Portuguesas – A Real Biblioteca Pública de Lisboa, A Biblioteca do Convento de Nossa Senhora de Jesus, que foi integrada na Biblioteca da Academia das Ciências, e a Biblioteca Pública de Évora. Além desta importante ação biblioteconómica, o nome do «grande Cenáculo», como a ele se referiram Silvestre Ribeiro e Alexandre Herculano, está também relacionado com o aumento da coleção da Biblioteca Real, pois terá sido Cenáculo a convencer o Abade Diogo Barbosa Machado a doar a sua valiosa Livraria a D. José I de modo a ultrapassar as grandes perdas que a biblioteca privada do Rei tinha sofrido com o terramoto de 1755.

Neste trabalho, tomamos como referência os textos que nos últimos anos temos publicado sobre a ação de D. Manuel do Cenáculo, para compreender a ideia de biblioteca, que ao longo da vida foi aperfeiçoando, quer com os projetos em que sucessivamente se envolveu, quer também com os contactos com outros bibliófilos e «gentes do livro», quer ainda com os cargos que foi ocupando na vida política e na República das Letras.

Quando olhamos para a ação global de D. Manuel do Cenáculo divisamos um autêntico «Príncipe das Ciências, das Artes e das Letras», dada a diversidade de domínios que a sua obra reflete. Mas, apesar deste ecletismo, parece-nos ver na sua bibliofilia e na criação de bibliotecas o parâmetro ou ideia chave onde se consubstancia a sua ação política, o seu papel de bispo empenhado na pastoral e também a sua intervenção para o reformismo económico e social do país. Facto que resulta também da biblioteca ser um local de ecléticas e diversificadas coleções: com efeito, nela se reuniam os livros, impressos e manuscritos, as antiguidades, as peças arqueológicas que foram ao longo dos anos uma das paixões de Cenáculo, as moedas e os produtos naturais.

Palavras-chave – Biblioteca-Museu, Filantropia, Reformismo Económico, Instrução.

Introdução

Este trabalho traça a ideia de Biblioteca-Museu que a obra bibliográfica e a ação social e política de D. Manuel do Cenáculo nos permitem aferir. Procuramos respostas para as seguintes questões: como formou D. Manuel do Cenáculo a sua ideia de biblioteca? Como evolui ao longo dos anos essa ideia? Quais os seus textos mais emblemáticos para a biblioteconomia nacional? Que comparação se pode fazer com as ideias de outros bibliófilos nacionais e estrangeiros? Que balanço podemos fazer dos seus projetos e donativos para criar bibliotecas?

Para responder a estas questões, numa primeira parte, revisitamos os aspetos da formação e das leituras de cariz biblioteconómico de D. Manuel do Cenáculo. Numa segunda parte, faremos uma descrição, em jeito de balanço, dos projetos em que o bispo se envolveu, desde o tempo em que era Provincial da Terceira Ordem, e projetou a renovação, ou segunda fundação, da Biblioteca do Convento de Nossa Senhora de Jesus, até à fundação da Biblioteca Pública de Évora, que consideramos traduzir o coroar de toda a sua ação em prol de bibliotecas e a sua mais importante herança neste domínio. Pelo meio, importa referir o projeto delineado para a Biblioteca da Real Mesa Censória, o importante donativo para a Real Biblioteca Pública da Corte, a criação de uma biblioteca eclesiástica em Beja e os donativos feitos a bibliotecas de instituições religiosas e a particulares.

Um aspeto, que consideramos ser já possível avançar e que iremos explicitar melhor ao longo deste trabalho, é que divisamos neste papel de «construtor de bibliotecas» uma mentalidade que fará escola até aos nossos dias, mas que se afirmou no longo século XIX e teve nos países anglo-saxónicos um desenvolvimento surpreendente. Referimo-nos a uma estreita aliança entre a filantropia, a instrução e a biblioteconomia. Ou seja, desde o movimento das Luzes que se afirma entre as elites uma mentalidade que considera que aqueles que tem dinheiro e poder, devem por imperativo ético, investir no aperfeiçoamento da sociedade, para difundir os conhecimentos úteis pelo maior número de concidadãos. Por isso, a fundação de uma biblioteca, ou o legado de uma coleção bibliográfica a uma biblioteca, é uma das obras mais meritórias aos olhos de muitos filantropos. É também o meio mais adequado de garantir memória. A obra e ação filantrópica do industrial André Carnegie, mais do que um ponto de partida, constituem um expoente e exemplo paradigmático desta mentalidade que foi herdada da mentalidade ilustrada, que Kant tão bem preconizou com a sua ideia de «uso público a razão», e a que os liberais deram continuidade.

É neste quadro que o papel de «engenheiro social», que vemos na ação de Cenáculo, se desenvolveu: os livros são o melhor meio de combater a ignorância, o medo e a superstição; e as bibliotecas são as instituições que oferecem aos «curiosos» (leia-se conceito no sentido científico), a possibilidade de aceder à sabedoria.

Um percurso marcado pelas bibliotecas

Provavelmente, quando o jovem Manuel Martins ingressou no Colégio dos Oratorianos de Lisboa, em 1736, aos 12 anos, poucas ou nenhuma biblioteca visitara. Filho de gente humilde, o pai era ferreiro, terá sido a mãe a primeira responsável pela sua educação religiosa, inculcando-lhe um espírito de caridade e piedade (Marcadé, 1978, p. 10). No ambiente familiar, profundamente marcado por um espírito cristão, o tio paterno, Caetano Gerónimo, era familiar do Santo Ofício, Manuel Martins terá recebido princípios e valores cristãos e em consonância com a ortodoxia reinante. Quanto às primeiras letras, Manuel Martins deve ter aprendido a ler e escrever na paróquia, uma vez que na época, os mestres de ler e escrever ainda não estavam instituídos e os estudos elementares decorriam nas escolas paroquiais sob orientação dos párocos (Adão, 1997, p. 15-17). O ingresso no Colégio da Congregação dos Oratorianos, que nessa altura estava instalado na Casa do Espírito Santo, atualmente os Armazéns do Chiado, é o primeiro grande marco na sua formação académica: aí seguiu as lições do P. João Baptista, um dos responsáveis pela renovação do ensino da Física, adaptando-o aos conhecimentos da Física moderna. O mestre oratoriano terá inculcado no jovem discípulo uma formação técnica, uma aceitação das novidades e inventos que os conhecimentos físicos exigiam.

Na casa dos oratorianos Cenáculo pode visitar, frequentar e admirar a rica biblioteca, de cerca de 30 000 volumes; bem como o Gabinete de Física que o Rei D. João V oferecera ao colégio. O colégio reunia o que de mais avançado existia a nível de ensino em Portugal, proporcionando ao jovem Manuel Martins um meio onde o desejo de conhecer se podia desenvolver. A Biblioteca da Casa do Espírito Santo passaria em 1745 para as Necessidades, para onde os oratorianos se transferiram, após o rei magnânimo ter doado esse edifício aos oratorianos. Tudo leva a crer tratar-se de uma biblioteca com uma coleção valiosa e bem atualizada; em concordância com as aulas de Física Moderna, para as quais era utilizado o Gabinete de Física e que, pelas experiências que aí eram feitas, era motivo de atracção para a elite palaciana.

Em 1765, muitos anos depois, Giovanni Gorani, conselheiro de Pombal refere-se à biblioteca dos oratorianos, dizendo que «era rica em livros raros, em belas edições, em manuscritos de teologia, de medicina, de jurisprudência, de moral e de arqueologia» (Ferreira, 2011, p. 43). É natural que muitas destas preciosidades existissem já no tempo que Manuel do Cenáculo frequentou o colégio dos oratorianos, pois as ordens e casa religiosas prezavam o seu espólio bibliográfico e enriqueciam-no sempre que possível.

Em 19 de Março de 1739, Manuel Martins ingressa na Ordem Terceira de S. Francisco. A 2 de Março do ano seguinte, 1740, professa na Ordem com o nome Frei Manuel do Cenáculo. O Convento de Nossa Senhora de Jesus tinha, à semelhança das outras casas religiosas, uma biblioteca, designada normalmente Livraria, que certamente o jovem noviço frequentou.

No Outono de 1740, com 16 anos, Cenáculo parte para o Colégio de S. Pedro em Coimbra, para estudar na Universidade, no curso de Filosofia e posteriormente

Teologia. Aos 22 anos é Lente das Artes no Colégio da Congregação, quando ainda não recebeu ordens e atestando o reconhecimento das suas qualidades pelos superiores (Marcadé, 1978, p. 12). Conjugando o magistério no Colégio de S. Pedro com os seus estudos universitários, em 26 de Maio de 1749 doutorou-se em Teologia.

Continuará em Coimbra a exercer o magistério no curso de Filosofia, ministrado no Colégio de S. Pedro, até 1755. No colégio trava conhecimento com outros professores da sua congregação, nomeadamente, Frei Pedro José Esteves e Frei Joaquim de S. José. Este último será por ele considerado como mestre, e o primeiro recordado por usar instrumentos para demonstrar as suas ideias; ou seja, desenvolver um ensino experimental.

Em Coimbra Frei Manuel teve naturalmente tempo, disposição e necessidade de frequentar a Biblioteca Joanina da Universidade, vivendo ainda os primeiros anos desta joia da arquitetura e da biblioteconomia nacional, cuja construção se iniciou em 1717 e conclui em 1728. Portanto vivia a biblioteca ainda debaixo do influxo e renovação joanina e a cheirar a novo, respirando naturalmente fausto e luxo da época e enchendo as estantes com obras necessárias aos cursos. O Rei D. João V dotou Biblioteca de um orçamento generosa e enriqueceu-a com espécimes bibliográficos (os estatutos determinavam uma verba de 40.000 réis e o Rei elevou essa verba para 100.000 réis anuais e disponibilizou ao Reitor da Universidade uma verba de 14.000 cruzados para comprar uma livraria (Ribeiro, 1876, t. 1, p. 180). É sabido que a Biblioteca Joanina é considerada na atualidade uma das mais belas e espetaculares bibliotecas europeias.

Com apenas 26 anos Cenáculo granjeara reconhecimento e fama entre os seus pares e a nível nacional; o seu nome é falado para ocupar a mitra de São Paulo, no Brasil, que entretanto vagara. Atestando esse reconhecimento está o facto de nesse ano de 1750 ter sido escolhido para a delegação da Terceira Ordem ao capítulo Geral da Ordem Franciscana que se ia realizar em Roma. Só abandonará Coimbra em 1755, embora tenha intercalado a sua estada na cidade do Mondego, com diversas viagens a Lisboa.

A viagem a Roma feita em 1750 constitui, nas palavras do próprio Cenáculo, um marco importante para a sua formação e em especial para ver bibliotecas europeias:

«As famosas Bibliotecas, que se apresentaram à nossa curiosidade nas Cidades eruditas da nossa passagem, levantavam milhares de ideias, que se começaram a produzir, e como o tempo ia permitindo. Dava-se lugar, entre livros que pouco mais se haveriam de ler, a obras de novo gosto» (Cenáculo, 1776-1794, 200)¹.

O testemunho não deixa dúvidas a comitiva visitou nas cidades por onde passou algumas bibliotecas, que para o jovem franciscano se renovavam com livros de «novo gosto», ou seja, tinham atualizadas as suas coleções e ofereciam aos leitores o que a ciência e arte do tempo produzira. A jornada a Roma foi descrita pelo mestre de Cenáculo, Fr. Joaquim de S. José, mas esta descrição não especifica as visitas que a comitiva fez

1. Nas citações em português, atualizámos a ortografia, mantendo apenas a grafia original nos títulos e citações em latim e línguas estrangeiras.

a bibliotecas ou outras instituições, insistindo mais em pormenores devocionais, como a visita a locais de culto, as relíquias e outros do género (BPE, Cod. CV/1-10, 1750).

Desde o início de setecentos que os guias aconselhavam a visitar as bibliotecas aos muitos visitantes que começavam a demandar a Itália: *«L'accord sur les bibliothèques à visiter est moins étroit qu'on pourrait le penser. L'unanimité ne se fait qu'autour des quatre piliers de l'iter italicum que sont la Vaticane, l'Ambrosienne de Milan, la Laurentienne à Florence et la Marciana à Venise»* (Chapron, 2004, p. 2).

Com certeza D. Manuel do Cenáculo não deixou de aproveitar a estada em Roma para visitar a Biblioteca Vaticana, a mais importante biblioteca do mundo católico, quer pela sua coleção, quer pela ornamentação. A Vaticana tinha aumentado imenso a coleção no século XVII, com a integração de fundos provenientes de bibliotecas de nobres e príncipes, nomeadamente, as ricas bibliotecas dos duques de Urbino (1657) e da Rainha Cristina da Suécia (1690). No século XVIII a grande novidade foi a criação de um Departamento de Numismática (*Medaglieri*) que foi inaugurado em 1738².

Além da Vaticana e a a título de hipótese, pensamos que uma das bibliotecas que Cenáculo terá visitado em Roma foi a Biblioteca Casanatense, do Convento de Santa Maria, da Ordem dos Dominicanos, que era nesse ano de 1740 uma das mais notáveis da cidade. Isto porque, no espólio da Biblioteca de Évora encontram-se diversas plantas que terão sido utilizadas por D. Manuel para delinear os projetos arquitetónicos, em Beja e depois em Évora; entre outras estão gravuras das plantas da Biblioteca Casanatense. De facto, os guias de viajantes aconselhavam a visita a essa biblioteca romana e também à Biblioteca do Palácio Barberini. Do ano 1730 chega-nos o testemunho abonatório do Abade Labat, que visitou a Casanatense e a considerou uma das mais propícias ao estudo, porque os bibliotecários *«y font observer un silence si profond, que j'y ai vu souvent plus de cinquante personnes assises autour des tables, qui ne faisaient pas plus de bruit que s'il n'y avait eu personne»* (Chapron, 2004, p. 17). Mas em final do século a afluência do público era tal que as condições eram completamente diferentes: *«il n'y a jamais eu de ville qui ait tant de bibliothèques publiques, et si peu de commodité pour en profiter»*. *La Casanatense par exemple est fermée aux meilleures heures de la journée, et étant très fréquentée, on n'y trouve pas le calme nécessaire pour travailler»* (Chapron, 2004, p. 19).

A Biblioteca Casanatense foi instituída, por vontade e em homenagem ao Cardeal Girolamo Casanate (1620-1700); o edifício, inaugurado em 1701, resultou dos planos do arquiteto António Maria Borioni. A vontade do Cardeal acentuava a importância da biblioteca para a «felicidade pública» e o fundo primitivo ou coleção original foi a livraria que o mesmo cardeal reunira ao longo da vida (calculada em 25.000 volumes). Era em meados de setecentos uma biblioteca que tinha estreita relação com os mercados do livro, que se orientava também para a aquisição de antiguidades, em concordância

2. History Vatican Library, disponível em: <http://www.vaticanlibrary.va/home.php?pag=storia>. Acedido em 22-2-2012.

com a ideia de uma «biblioteca universal». A Biblioteca Casanatense atingiu o máximo esplendor com a acção biblioteconómica de Giovanni Battista Audiffredi (1714-1794)³.

Que imagem retirou D. Manuel do Cenáculo destas visitas a bibliotecas em Roma? Provavelmente, à semelhança dos milhares de viajantes que ao longo do século visitaram as bibliotecas romanas, ficou com uma imagem de biblioteca em dois níveis: um primeiro a de uma biblioteca-museu, repositório de livros e outras preciosidades, com um pendor universalista na aquisição de colecções na continuação da tradição de Alexandria e, num segundo nível, o de uma biblioteca pública, uma instituição vocacionada para que esses livros e preciosidades fossem orientados para a utilidade pública⁴.

Livros e Leituras

Os livros e as leituras constituíram naturalmente outra fonte importante para formar as ideias e a acção biblioteconómica de Cenáculo. Que obras de cariz biblioteconómico leu D. Manuel do Cenáculo? Sendo um leitor inveterado, como comprovam diversos testemunhos (Vaz, 2009B, p. 24), Cenáculo é também um autor que indica com precisão as suas fontes. Por isso, e tomando como base as *Disposições do Superior Provincial* e o *Apêndice* a esta obra, onde traça o «estado da arte» dos vários conhecimentos do seu tempo, podemos indicar três grandes tratados que no século XVIII eram considerados o paradigma da biblioteconomia e que ele leu, ou pelo menos conheceu e folheou muito bem.

Ao referir-se a bibliotecas e livros cita a obra de Pierre Le Gallois, publicada em 1680, cujo título completo e longo, à maneira dos títulos da época nos dá a súmula dos temas abordados: *Traité des plus belles bibliothèques de l'Europe: des premiers livres qui ont été faits, de l'invention de l'imprimerie, des imprimeurs, de plusieurs livres qui ont été perdus et recouverts par les soins des sçavans, avec une méthode pour dresser une bibliothèque*⁵.

Pierre Le Gallois faz uma retrospectiva histórica das bibliotecas, desde os tempos mais recuados, como era então usual nas obras históricas, começar *ab ovo*, ou seja desde os tempos dos Hebreus, Egípcios, Caldeus, Fenícios e Árabes, até ao seu tempo. A título de exemplo, interessa reter à notícia da Biblioteca de Alexandria, fundada por Ptolomeu, com o impulso de Demétrio de Falero que, como nos diz, fez traduzir para Grego todos os livros do Egipto. Quanto à coleção informa que foi avaliada em 700.000 volumes por Aulo Gélio e refere algumas preciosidades, nomeadamente, as obras dramáticas dos Gregos, as obras

de Aristóteles e a Bíblia traduzida para Grego, a famosa *Biblia Spetuginta*, assim chamada por ter sido obra de 70 sábios judeus. Discorre sobre importância desta tradução grega da Bíblia para a cristandade e evangelização. Diz-nos, ainda, que a Biblioteca de Alexandria foi considerada a mais bela do mundo, mas que também foi criticada por Séneca, por ser mais uma obra de luxo e pompa dos Ptolomeus que uma instituição ao serviço da ciência. Termina dizendo que a Biblioteca de Alexandria foi incendiada pelos soldados de Júlio Cesar, quando este mandou destruir o palácio dos Ptolomeus e que foi substituída pela Biblioteca de Pergamo, com 200.000 volumes, que segundo Le Gallois foi fundada pela «inveja» da de Alexandria (Gallois, 1680, p. 27-31).

Importa referir também o testemunho que Pierre Le Gallois dá sobre as principais bibliotecas de Espanha. A mais importante para ele é a Biblioteca do Escorial; que com as ofertas de Carlos V, se transformou numa das bibliotecas mais famosas do mundo. Saliência a nível da coleção bibliografia os preciosos manuscritos árabes. Refere ainda a Biblioteca de Córdova, fundada pelos «mouros», e a Biblioteca que o Cardeal Chimenez fundou na Universidade Complutense de Madrid, exemplo seguido por outros, como Arias Montano. Sublinhe-se o facto de as bibliotecas da antiguidade e do século XVII terem na sua origem a ação benemérita de Príncipes, Reis, ou de personalidades ligadas ao clero, como são os exemplos dados para Espanha, do Cardeal Ximenez e de Arias Montano. Ou seja, as bibliotecas resultam do patrocínio de beneméritos, que movidos pela filantropia querem dar aos leitores a possibilidade de aceder ao meio de conhecimento mais importante nessa época os livros que, apesar da imprensa, eram ainda um bem raro e caro. Esta será uma ideia que D. Manuel do Cenáculo bebeu nestas fontes, onde aparecem sempre o epíteto da «felicidade pública» e «utilidade pública», como sendo o impulso que moveu os beneméritos a criar as grandes bibliotecas e a doar as suas colecções bibliográficas para esse fim.

Na última parte da obra, «método para criar uma biblioteca», Pierre Le Gallois dá-nos uma súmula dos conhecimentos biblioteconómicos do seu tempo, nomeadamente, os princípios que devem presidir à constituição da coleção bibliográfica, aspeto em que aponta para uma ideia universalista e que vá de encontro aos interesses dos que procuram o conhecimento:

«... il la doit composer de toutes sortes de livres, et pour cette effet il doit en chercher dans toutes les parties du monde. Car on peu dire que comme dans un pré, le boeuf reconte le herbe, les chiens des lievrés, et le cigogne des lezards, pour leur norriture, de meme il faut que dans une Bibliotheque tous les scavants, dont il ya tans de differns caracteres, trouvent ce qu'il est a leur usage, cet a dire que chacun d'eux y trouve les livre que luy puissent servir dans ce qu'il sçait, ou dans ce qu'il desiore apprendre» (Gallois, 1680, p. 176).

No domínio da coleção, o conselho de Gallois é que o bibliófilo se preocupe mais com a qualidade das obras, do que com a sua quantidade, e isto aplica-se também aos livros, pois, como nos diz, tal como na natureza, os livros pequenos podem muito

3. Biblioteca Casanatense, disponível em : <http://www.casanatense.it/>, Acedido em: 5-03-2012.

4. Isso mesmo constata Emmanuel Schapron que analisou diversos relatos de visitantes eruditos desde finais do século XVII: «D'autre part, des récits de visite se dégagent un double imaginaire de la bibliothèque. Le plus évident est celui de la bibliothèque-musée, tour à tour conservatoire des précieux vestiges de l'Antiquité et de l'humanisme et creuset de la bibliolâtrie, réceptacle de manuscrits illisibles et inutiles. Mais il masque une autre image, celle de la bibliothèque publique, servant au progrès du plus grand nombre». (Chapron, 2004, p.20).

5. Gallois, Pierre Le, 1680, Disponível em: <http://books.google.pt/books/reader?id=0x1JAAAACAAJ&hl=pt-PT&printsec=frontcover&output=reader>. Consultado em 5-3-2012.

bem ter «mais suco» que os grandes. Exemplifica com obras de Plutarco e de outros clássicos. É também contra o preconceito a favor dos livros velhos ou novos, devem antes ser recebidos na biblioteca de igual forma.

A arrumação dos livros, a sua catalogação é ponto em destaque, pois como diz, «a ordem é *a alma e a forma das Bibliotecas*» (Gallois, 1680, p. 178). A ordem e a arrumação dos livros deve orientar-se por sete classes, nos diríamos temas, com as respetivas subclasses, embora acrescenta a necessidade de mais uma classes para as miscelâneas se não se quiser seguir a Polimatia dos impressores, conforme o quadro (em Anexo).

O segundo tratado citado por D. Manuel do Cenáculo é o do alemão, Daniel Georg Morhof (1639–1691): *Polyhistor, sive de auctorum notitia et rerum commentarii*, publicado pela primeira vez em Lübeck, 1688, mas que só teria uma versão completa em 1707, e seria reeditado por quatro vezes, a última edição é de 1747⁶. A obra escrita em Latim é uma autêntica enciclopédia sobre o conhecimento e o ensino. Frei Manuel aconselha e cita também a obra de Morhof no capítulo das *Disposições* sobre a Filosofia, e com uma nota que documenta bem a importância que atribuía a este autor: «*É necessário ler a Morhofio no Polyhistor a respeito das Sociedades Literárias, e Conversações eruditas*» (Cenáculo, 1776, p. 49). Relativamente a bibliotecas a citação é também elucidativa e rigorosa sobre as partes da obra que devem ser lidas: «*Veja-se o que diz Morhof Polshistor L. 1, Cap. III, IV, V, e VI*» (idem, p. 50).

Os quatro capítulos referidos tratam respetivamente: *De Re Bibliothecaria et Quidem I de Causis Erigend Bibliothecarum* (Morhof, 1732, p. 10); *De Mediis Erigendarum Bibliothecarum deque earum ornatum* (idem, p. 27); *De Ordine Bibliothecarum Deque earum Eversionibus* (idem, p. 34); *De Bibliothecariis et notitia Bibliothecaria Paranda* (idem, p. 40).

Como se constata o capítulo terceiro é essencialmente dedicado às causas que originam a criação de Bibliotecas, que o autor resume a três: a primeira designada como «*actorum Publicorum Custodia*», podemos traduzi-la como a vontade ou iniciativa dos governantes, a segunda é o «*amor ao estudo*» e a terceira «*utilidade pública*». Não deixa o autor de iniciar o capítulo com uma etimologia do termo nem de dar exemplos de cada uma das causas que originam a criação de bibliotecas. Relativamente à utilidade pública recomenda que tal como acontece na Natureza, em que podemos recolher os frutos, também nas bibliotecas os tesouros que guardam devem estar ao dispor do público. Exemplifica com as bibliotecas dos Gauleses e com a Bodleiana de Oxford (Morhof, 1732, p. 26).

O capítulo quarto é dedicado a explicar os meios para erigir bibliotecas, ou como refere o modo de as criar, aumentar e ornamentar. Relativamente a ornamentação ou decoração aconselha esculturas, pinturas de «grandes homens» ou homens doutos, de imagens corporais, de modo que os olhos observem o que está descrito nos livros exemplificando com as estátuas da Biblioteca Vaticana (Morhof, 1732, p. 28-33).

O capítulo cinco é dedicado à ordem, partindo logo do pressuposto que não há

nenhuma biblioteca se não houver ordem (Morhof, 1732, p. 34): «*Nulla sine Ordine Bibliotheca est, aut esse debet*». Apresenta os modelos propostos por alguns autores e o sistema utilizado em algumas das mais importantes bibliotecas do seu tempo, nomeadamente, a da Biblioteca do Colégio de Paris da Sociedade de Jesus, que considera louvável. Discorre sobre a ordem dos livros e particularmente as temáticas que podem suscitar mais dúvidas: superstição e obras sobre a origem da América. As autoridades que segue neste domínio da ordem dos livros são Croix de La Maine e Naudeus.

O capítulo seis é dedicado aos bibliotecários dando uma notícia histórica dos mais ilustres e sua atividade desde o tempo dos Hebreus, em que os livros estavam a cargo dos sacerdotes, e desde Demétrio de Falero na Biblioteca de Alexandria.

Outro tratado citado por D. Manuel do Cenáculo, na mesma obra e também quando fala de bibliotecas, é o de Johannes Lomeier, *De bibliothecis liber singularis*, 1680⁷. Obra publicada em Utreque, em latim que nas suas 414 páginas segue uma estrutura e temática muito semelhante a de Pierre Le Galois.

D. Manuel do Cenáculo leu os tratados biblioteconómicos que no seu tempo eram recomendados e que tinham reputação em toda a Europa. Essas leituras serviram para se documentar sobre as bibliotecas da Europa, ver no papel as mais reputadas e, naturalmente, para formar as suas ideias neste domínio e pôr em prática os ensinamentos das autoridades na matéria. O que deixou como reflexão nos seus textos permite-nos comprovar que via a biblioteca como o meio privilegiado de apoio ao estudo e como tarefa patriótica, mas que só faz sentido quando na sua criação o patrono se orienta pelas causas apontadas por Morhof: amor à sabedoria e a utilidade pública. A utilidade pública, ou uso público, que Cenáculo aponta como finalidade para as bibliotecas é uma ideia recorrente na sua obra, desde muito cedo, como vemos numa passagem das *Disposições* (Cenáculo, 1776, p. 49-50):

«Devo porém lembrar as Bibliotecas bem instruídas para encher-se o fim das Composições Literárias, qual é o servirem ao público. Se a sofreguidão avarenta, ou a curiosidade estúpida, retivesse o Manuscrito raro: Se a generosidade não convocasse os Curiosos a desfrutar os Tesouros da Sabedoria, expondo-os nos Livros difíceis de achar, ou pela sua raridade, ou pela impossibilidade dos que os desejam ter; se o partido das Letras, digo, deixasse de gozar desta espécie de proteção, não observaríamos estar tão adiantada a sua causa, e careceria de um adjutório, que lhe é essencial. Porém não somente admiramos esta decoração de Bibliotecas públicas no Palácio da Sabedoria. Inumeráveis particulares de todos os estados não deixam neste ponto que reclamar ao ouro a destinação para o bom uso. Quem pode ter o nome de erudito, carecendo deste estímulo, e deste auxílio para saber? Se há quem não frequente as bibliotecas, ou podendo, não as tenha bem instruídas, destes é que se diz, que repetem sem desculpa a infelicidade dos séculos atrasados».

6. Consultámos a terceira edição de MORHOF, 1732, disponível em: http://books.google.pt/books?id=cas-WAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbp_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

7. Disponível on line : http://books.google.co.uk/books?id=22O7AAAACAAJ&pg=PA418&hl=pt-PT&source=gbp_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=true. Acedido em 5-03-2012.

Além desta referência, sem dúvida significativa pela ideias inovadoras que defende no acesso aos livros e ao conhecimento, não são muitos mais os textos de cariz biblioteconómico de autoria de D. Manuel do Cenáculo. Os mais emblemáticos e mais referenciados são o o *Memorando* escrito com orientações para a Biblioteca da Real Mesa Censória (1773) e os *Estatutos da Biblioteca Pública de Évora* (1811); sendo que relativamente aos estatutos Cenáculo deu o seu aval, mas quem os redigiu foi o secretário diocesano. Já sublinhámos em anterior trabalho a actualidade das ideias enunciadas, quer relativamente a necessidade de dar um espaço digno e de modo a proporcionar as condições de conforto e comodidade aos leitores, quer no que respeita a dotação orçamental da biblioteca, quer ainda na defesa de um espírito universalista na aquisição conservação e das colecções⁸.

Na já referida relação manuscrita sobre o seu provinciano, entre 1768-1777, enumera as disposições e orientações que deu para dotar o Convento de Nossa Senhora Jesus de uma biblioteca condigna e que também comprovam as ideias de actualidade e utilidade pública. Pode dizer-se que este texto manuscrito constitui como que o guião do seu primeiro projecto biblioteconómico, que só seria concluído em 1796. Além destes textos mais emblemáticos as referências que faz sobre a biblioteca, sua importância para apoio na formação dos noviços ou dos futuros clérigos, permitem-nos comprovar como também no domínio escolar defendia a utilidade dos livros e a importância da leitura e familiaridade com os livros para formação do clero⁹.

As mesmas ideias estarão presentes nos projectos que se envolveu. E que passamos a inventariar em seguida.

Os Projetos

A primeira intervenção directa de D. Manuel do Cenáculo para criar ou aumentar bibliotecas de que temos notícia é dada por Silvestre Ribeiro (1914), que nos diz que terá sido D. Manuel do Cenáculo a aconselhar o Abade Diogo Barbosa Machado (1682-1772), autor da *Biblioteca Lusitana* e fundador da Academia Real de História, a doar a sua livraria a D. José I, de modo a suprir a destruição que a biblioteca privada do Rei tinha sofrido com o terramoto de 1755. A ter acontecido tal intervenção deve ter sido por volta de 1756. A biblioteca do Abade Barbosa, ou como também na época se dizia a livraria, reunia milhares de livros, obras raras sobre a história portuguesa, uma grande quantidade de notícias e opúsculos avulsos, coligidas em mais de cem tomos de fólio pequeno. A coleção incluía ainda dois tomos de formato máximo, contendo 690 retratos de reis, príncipes e infantes de Portugal, para além de quatro tomos da mesma forma, contendo 1380 retratos de portugueses célebres, e um tomo formado de cartas e mapas geográficos de Portugal

e suas conquistas. Quando em 1807 a Família Real se retirou para o Brasil, a biblioteca privada do Rei seguiu o mesmo rumo e foi o embrião da futura da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A intervenção de Cenáculo é fundamentada por Silvestre Ribeiro com uma passagem do próprio Bispo de Beja a este propósito na obra, *Memórias Históricas dos Progressos e Estabelecimento das Letras na Ordem Terceira de S. Francisco em Portugal e seus Domínios*, a propósito de uma obra rara que estaria na Biblioteca do autor da Biblioteca Lusitana:

«A arte Pastrana foi estampada em Lisboa em 1501 e o exemplar que dela havia foi uma das imensas raridades que devorou em Lisboa o fogo sucedido ao terramoto do 1º de Novembro de 1755. Reimprimiu-se esta Arte em Lisboa em 1513. Conserva-se esta edição em um volume de folha na Biblioteca Real, para onde passou com a Livraria escolhida e rara do erudito Abade Barbosa Machado nosso antigo amigo, a quem nesta passagem assim como á Pátria fizemos algum serviço. Ele a ofereceu a El-Rei D. José, com generosidade para depósito seguro de fadigas de mais de oitenta anos em formar a sua estimável coleção. O Senhor Rei D. José, que com esta quarta Livraria alem de outras aquisições ia compensando a enorme perda da Biblioteca Regia, fez ao Abade a Graça de aceitação com uma tença vitalícia de seiscentos mil réis e sobrevivência de algumas pessoas de obrigação do mesmo Abade» (Ribeiro, 1914, p. 20-21).

Não é de todo muito persuasiva a passagem citada por Silvestre Ribeiro, embora a referência ao serviço á Patria possa indiciar que Cenáculo conversou com o Abade Barbosa sobre o tema. Quanto à amizade entre os dois, também não está muito documentada, dado que não encontramos correspondência entre os dois¹⁰. Por outro lado, a diferença de idades e de estatutos dos dois era no ano de 1756 grande: o abade Barbosa contava 74 anos e era uma figura proeminente a nível nacional, já D. Manuel do Cenáculo era um jovem professor (32 anos) que acabara de regressar de Coimbra. Podem ter conversado sobre o assunto, mas não é de excluir que o jovem ao referir-se ao facto tenha sobrevalorizado a sua influência neste donativo.

Para este estudo importa reter que a ação do Abade Barbosa será como que a tradução prática das leituras que Cenáculo fizera e irá constituir-se como um modelo da sua acção biblioteconómica. A saber, os grandes colecionadores e bibliófilos têm como imperativo ético colocar o fruto da suas fadigas – as suas colecções – em segurança, salvaguardados da voracidade dos tempos e de herdeiros mal formados. Nada melhor, por isso, do que cumprir os requisitos de utilidade pública que os tratados recomendavam. E que salvaguarda melhor, ou que garantia de memória futura melhor, do que por impulso filantrópico doar a sua colecção ao Rei, ou a uma instituição por ele

8. Transcrevemos e analisámos ambos os textos: Vaz, 2009B, p. 23-29 e p. 72-78.

9. «Os ordenandos serão distribuídos por semanas nas horas livres para irem ajudar o Bibliotecário, e familiariza-se com os livros». Cenáculo, sd., BPE, Cod. CXXVIII/2-4, fl. 3.

10. Na correspondência de D. Manuel do Cenáculo encontramos uma carta dirigida a Juan Buytrago, onde Cenáculo enumera as bibliotecas que escaparam ao terramoto e as que se salvaram; entre as primeiras fala da de Barbosa e nas segundas aponta a do Rei logo á cabeça (Vaz, 2009A, Doc. N.º 135 – Carta de Frei Manuel do Cenáculo a Juan Buytrago, 21 de Dezembro 1756, p. 620).

patrocinada? Anote-se ainda que estes donativos do Abade Barbosa teve a recompensa que nestes casos, e de acordo com uma sociedade de cariz clientelar, o doador espera da generosidade do patrono que neste caso é o Rei (Burke, 1990, p. 70). De facto, além da vantagem do reconhecimento público e da fama que o valor simbólico dos livros garante, acresce o benefício da tão procurada tença vitalícia. O que vemos nesta doação do Abade Barbosa, encontramos anos mais tarde decalcado no donativo de D. Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública de Lisboa em 1797.

O primeiro projeto em que Cenáculo se envolveu resultou da sua condição de Provincial da Ordem Terceira de S. Francisco. A casa mãe da ordem foi afectada seriamente com o terramoto de 1755 e quando Cenáculo chegou a Provincial, em 1768, as obras ainda não tinham praticamente tido início. A relação que deixou dos anos que ocupou o cargo até 1777 relata as obras que fez no Convento de Jesus, incluindo a «casa da livraria» (Cenáculo, 1777, fls. 56-63). Explicámos em anterior trabalho o papel que D. Manuel do Cenáculo teve, quer nas obras que mandou fazer e que não acabaram em 1777, quer no aumento da colecção. Este último aspecto teria como primeiro momento, a intervenção para incorporar na Biblioteca do Convento a Livraria do Prior de Oliveira de Azeméis, Manuel de Oliveira Ferreira, e que se compunha de mais de sete mil volumes. As *demarches* para efectuar o transporte dos livros e mais formalidades inerentes a este caso foram supervisionadas por D. Manuel do Cenáculo. No espólio de Cenáculo encontram-se sete cartas do Prior de Oliveira de Azeméis, dirigidas em 1775 a Fr. António Soledade, que descrevem ao pormenor como foi trasladada a livraria de Oliveira de Azeméis para Lisboa, desde o encaixotamento até ao seu transporte (Vaz, 2007).

O apoio de D. Manuel do Cenáculo à criação de bibliotecas inclui também a intervenção para salvaguardar fundos bibliográficos, como foi o caso dos fundos das bibliotecas dos jesuítas, que foram incorporados na Real Mesa Censória, que nessa época tinha como dirigente o bispo de Beja. Mas esse apoio fez-se também com a doação de importantes fundos, particularmente a quatro instituições: a Biblioteca do Convento de Jesus, a Real Biblioteca Pública, a Biblioteca Eclesiástica de Beja e a Biblioteca Pública de Évora. Na tabela seguinte resumimos o balanço que é possível fazer da ação de D. Manuel do Cenáculo para criar bibliotecas.

Tabela 1: Apoios a Bibliotecas

Tarefas	Incorporações/ compras	Donativos de livros	Monetário
Convento de Nossa Senhora Jesus de Lisboa	21 000	7000	-
Real Mesa Censória	60 000	-	-
Real Biblioteca Pública	-	1942	3000
Eclesiástica de Beja	-	10 000	-
Familiares	-	500	-
Convento da Serra de Ossa	-	49	-
Biblioteca Pública de Évora	2314	47 686	4000
Totais	83 314	67 177	7000

[Fonte: Vaz, 2002 e 2009a]

Os números da tabela merecem algumas considerações. A primeira é que só existe catálogo ou inventário para o fundo primitivo da Biblioteca Pública de Évora (Fundo Botelha Lima), Convento da Serra de Ossa e para o donativo à Real Biblioteca Pública de Lisboa.

Temos números ainda parcelares para o monetário doado a Biblioteca Pública de Évora, um memorando no diário de Cenáculo que inventaria as moedas, medalhas e anéis que lhe ficaram depois da doação feita à Real Biblioteca Pública (Vaz, 2006, p. 63). O resto baseia-se em declarações ou avaliações quantitativas feitas pelo próprio Manuel do Cenáculo, por António Ribeiro Santos, bibliotecário da Real Biblioteca Pública, pelo juiz do inventário de D. Manuel do Cenáculo em 1814 e por outras individualidades directamente ligadas a criação destas bibliotecas. Na prática, é muito difícil apresentar um catálogo que nos forneça um número exacto das incorporações e donativos feitos com a intervenção de D. Manuel do Cenáculo. E se para os livros temos avaliações quantitativas duvidosas, uma vez que são calculadas pelos intervenientes sem apresentação de instrumentos de quantificação, para outras espécimens, em particular para as obras de arte, antiguidades e naturalia, a situação ainda é mais complicada, dado que não se encontram nem inventários, nem mesmo as avaliações globais dadas para os livros. Por isso, as avaliações e análises feitas baseiam-se em menções qualitativas¹¹. O que não suscita dúvidas é a importância da acção de D. Manuel do Cenáculo para dotar o país de bibliotecas que em nada ficassem atrás das que vira na sua viagem a Roma, que estavam descritas nos tratados do seu tempo e que se orientassem para a utilidade pública.

Ao falar em donativos a bibliotecas devemos ver esta acção e conceito á luz da época, ou seja, as doações não são graciosas, procuram benefícios, seja pagamento de tenças ou nomeações para novos cargos, em consonância com a mentalidade clientelar reinante. Tal como aconteceu no caso de Diogo Barbosa Machado, também o donativo feito por Cenáculo à Real Biblioteca Pública teve contrapartidas financeiras, o pagamento dos vencimentos pelo exercício do cargo de Presidente do Subsídio Literário. Esta recompensa está explícita no pedido feito na carta que o próprio Cenáculo envia ao Príncipe Regente na altura da doação, em 24 de março de 1797 (Vaz, 2009A, p. 633-634). O donativo está ainda relacionado com a sua nomeação para arcebispo de Évora, em 1803. A correspondência com um dos principais clientes de Cenáculo na capital, Joaquim José da Costa Sá, não deixa dúvidas sobre esta relação entre a doação e as contrapartidas. Numa primeira carta pergunta ao seu patrono, e também padrinho de casamento e do seu primeiro filho, que recompensa procura do governo pela magnífica doação:

«Ontem à noite porém me ordenou Sua Excelência que o buscasse hoje ao dito Bibliotecário Maior, o que espero fazer logo que saia da Secretaria; etc. ora diga-me Vossa Excelência Reverendíssima em franqueza; e logo, que Partido deseja se tome sobre o modo, e natureza

11. Surgem referências parcelares a obras de arte, painéis, peças arqueológicas e outras em cartas de diversas personalidades ou do próprio Cenáculo.

da Recompensa, que há certamente de exceder uma boa parte mais do seu valor; se dinheiro logo de contado, ou se uma Pensão anua, que Vossa Excelência Reverendíssima aplique àquele fim que lhe agradar» (Sá, Carta de 13 de Janeiro de 1801, BPE, CXXVIII 1-1, n.º 110).

E após as intervenções de Joaquim Sá e de seu irmão junto da Secretaria de Estado, na altura dirigida por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, comunica o bom desfecho e concessão da nomeação para arcebispo de Évora:

«É verdade que o Excelentíssimo Senhor Dom Rodrigo de Sousa Coutinho ama a Vossa Excelência, e certamente desejaria ver a Vossa Excelência sentado na Catedral Metropolitana de Évora; por tanto a este Ministério bemfazejo, e junto deverá Vossa Excelência ver dentro de poucos dias coroada com prémio a sua generosa Doação: meu Irmão lavrou ontem o Decreto; e em quanto não baixa assinado não se deve nada dizer» (Sá, Carta de 13 de Fevereiro de 1802, BPE, CXXVIII 1-1, fl. 113).

Mas o pagamento destas recompensas não ofusca o valor e alcance social e institucional dos diversos donativos. Os testemunhos da época revelam o espanto, dimensão e valor das espécies bibliográficas e museológicas que Cenáculo enviou para a Real Biblioteca Pública, nomeadamente, as cartas de António Ribeiro dos Santos e do próprio Joaquim Sá:

«Aqui ficaram todos hiantibus oribus; quando viram os preciosíssimos tesouros vindos de Beja; tudo para os circunstantes foi de sumo assombro. O mesmo António Ribeiro o vi eu aturdido já com o Monetário, já com os Livros, e sobre tudo as riquíssimas e singulares Bíblias: que direi do Novo Testamento impresso por Bascreville? O mimo para o dito Senhor foi singularíssimo: o grande Painel, as caras dos velhos, e as atitudes, e colorido das mais Figuras, belíssima cousa! A incomparável ânfora» (Sá, Carta 25-5-1797, BPE, CXXVIII 1-1, fl. 92).

A Biblioteca Nacional de Portugal realizou recentemente uma exposição com alguns dos livros que Cenáculo enviou da «*Casa de Beja*» e cujo catálogo nos mostra algumas dessas preciosidades bibliográficas, como a Bíblia manuscrita e iluminada do século XII, a primeira edição dos *Lusíadas* em Castelhana, o *Dicionário Histórico e Crítico* de Bayle, entre muitas outras obras de cariz literário e científico (*Casa dos Livros de Beja*, 2006).

Conclusões

A ideia que D. Manuel do Cenáculo tinha de biblioteca foi naturalmente formada com base na própria experiência, quer na formação académica, quer no contacto e frequência de bibliotecas que podemos considerar paradigmáticas no seu tempo, quer ainda com a leitura dos tratados biblioteconómicos.

Após os estudos na Casa do Espírito Santo dos Oratorianos e da frequência dos cursos de Filosofia e Teologia em Coimbra, Cenáculo teve o privilégio de concluir a sua formação, com uma viagem a Roma em 1750, a todos os títulos instrutiva e que será um marco importante, por ele próprio reconhecido, para pensar a biblioteca ideal. As bibliotecas que frequentou e sobretudo as que certamente visitou em Roma mostravam-lhe que na biblioteca se reuniam os livros de outras eras e os que entretanto iam sendo publicados, mas também teriam lugar privilegiado os antigos manuscritos, as espécimes numismáticas e arqueológicas. Enfim, como temos sublinhado a biblioteca devia prolongar o sonho de Alexandria.

A mesma ideia de biblioteca-museu encontrou nos livros e tratados biblioteconómicos do seu tempo, que insistiam na conservação dos manuscritos, na salvaguarda de impressos e também na boa ordenação ou catalogação dos fundos. Do mesmo modo, os tratados insistiam nos parâmetros que deviam orientar todos os que promoviam a criação ou renovação de bibliotecas: a utilidade pública e o amor da sabedoria. Estes serão parâmetros que vemos de forma bem clara na ação de D. Manuel do Cenáculo desde muito cedo. Com efeito, desde a sua intervenção para que o Abade Barbosa doasse a sua livraria ao Rei D. José I, nos anos difíceis pós-terramoto de Lisboa, até a fundação da Biblioteca Pública de Évora, o que os textos nos mostram é que a ação de Cenáculo se orienta pela utilidade pública e pelo amor da sabedoria. Uma e outra dessas finalidades implicavam que as coleções estivessem salvaguardadas da voracidade do tempo e sempre disponíveis para os amantes do saber, ou seja, que a biblioteca fosse pública.

Divisamos nesta bibliomania e vontade de renovar e criar bibliotecas o mesmo sentido filantrópico que animará muitos projetos ao longo da época contemporânea e que terá desenvolvimento surpreendente, no mundo anglo-saxónico de que é bom exemplo as ideias e ação de André Carnegie, o industrial americano de origem escocesa que impulsionou a criação de bibliotecas e escolas em todo o mundo anglo-saxónico, incluindo a biblioteca da sua terra Natal, a cidade de Dunfermline¹².

A filantropia que vemos fortemente apoiada no valor simbólico do livro e nas potencialidades instrutivas da leitura. No primeiro caso, porque será recorrente nos séculos XIX e XX, muitos beneméritos e benfeitores doarem as suas coleções a bibliotecas públicas, preocupados em assegurar a memória e garantir para os seus gastos e esforços um fim nobre, a utilidade pública que já orientava D. Manuel do Cenáculo. E quanto ao valor instrutivo da leitura, ontem como hoje, alguém duvida que ler é a competência imprescindível para obter a sabedoria ou conhecimento? Portanto, esta filantropia que divisamos na ação de D. Manuel do Cenáculo ou de Andre Carnegie implicava que as bibliotecas estivessem abertas ao público leitor e que fossem de facto casas da sabedoria.

12. A biografia e acção filantrópica e textos deste industrial, também conhecido como o barão do aço, podem ser consultados em: <http://carnegie.org/about-us/foundation-history/about-andrew-carnegie/> (Acedido, em 9-3-2012).

Anexo
Quadro 1: Organização da Biblioteca

Classe	Subclasse/ Autores
Léxico	Gramáticos Oradores Poetas Mitólogos Antiguidades e moedas Críticas
Filosofia	Filósofos Gregos, Latinos e Árabes Interpretes Comentadores Conciliadores – ordenados por seitas Tratados de partes da Filosofia – Lógica, Metafísica, Política...
Matemática	Aritmética Geometria Astronomia Ótica Astrologia Música Pintura Arquitetura e Fortificações Artes Liberais – Arte Militar, Caça e Navegação Mecânica
A Teologia	Bíblia Interpretes: Rabinos, Concílios, Santos Padres, Teologia Escolástica História Eclesiástica Controvérsias Devoção Casuísticos Sermões Institutos Monacais Vidas de Santos Obras Heréticas e obras proibidas – Magia, Idolatria e Adivinhação
Os Livros de Direito	Canónico Civil Geral (das Nações)
A Medicina	Autores Antigos e Modernos (incluindo os Árabes) Livros que tratam dos Metais, das Plantas e Animais Anatomia Química Farmacopeia Cirurgia
História	História Geral História particular Cronologia Geografia
Miscelaneas ou Polymatia	Autores e obras sobre diversas Matérias (exemplos: Plínio, Varrão)

[Fonte: Gallois, 1680, p. 178-180]

Bibliografia

Manuscritos

- Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), *Catalogo Methodico dos Livros que o Exmo. e Rmo. D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas, Bispo de Beja, doou à Real Bibliotheca Publica da Corte*, Tomo I, 1797. Disponível em: <http://purl.pt/6382>, Acedido em 9-3-2012.
- Biblioteca Pública de Évora (BPE), Cod. CXXVIII/2-4, *Pastorais, provisões editaes, etc, do bispo de Beja, 1777-1783*.
- Biblioteca Pública de Évora (BPE), Cod. CXXVIII/2-5, CENÁCULO, D. Manuel do, *Relação dos factos que na sua simplicidade e verdade qualificam a boa Administração da Provincia da Ordem Terceira da Penitencia em os nove annos que decorreram desde Maio de 1768 athe Fevereiro de 1777*, fls. 56-63.
- Biblioteca Pública de Évora (BPE), Cod. CXXVIII / 1-1, *Cartas enviadas a Frei Manuel do Cenáculo por Joaquim José da Costa e Sá, 1775-1802*.

Outros textos

- ADÃO, Áurea (1997). *Estado Absoluto e Ensino das Primeiras Letras. As Escolas Régias (1772-1794)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BURKE, Peter (1990). *Sociologia e História*. Porto: Edições Afrontamento.
- Biblioteca Casanatense*, disponível em: <http://www.casanatense.it/>, Acedido em: 5-03-2012.
- Carnegie Corporation of New York*, Disponível em: <http://carnegie.org/about-us/foundation-history/about-andrew-carnegie/>. Acedido em 9-3-2012.
- «Casa dos Livros de Beja»: doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte: mostra bibliográfica, 1 de Março – 13 de Maio de 2006, coord. Direção de Serviços de Extensão Cultural e Científica, org. pesq. Manuela Domingos, Ana Isabel Líbano Monteiro. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.
- CENÁCULO, Manuel do (1776-1794). *Disposições do Superior provincial para a observancia regular e literaria da congregação da Ordem Terceira de S. Franciscodestes reinos, feitos em os annos de mil setecentos sessenta e nove, e setenta. – Memorias historicas e appendix segundo a disposição quarta da collecção das disposições*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica.
- CHAPRON, Emmanuelle (2004). «Voyageurs et bibliothèques dans l'Italie du XVIIIe siècle: des mirabilia au débat sur l'utilité publique», *Bibliothèque de l'Ecole des Chartes*, 2004, 162, n.º 2, p. 305-332. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_2004_num_162_2_463457. Acedido em 22-02-2012.
- FERREIRA, António Mega (2011), Macedo. *Uma biografia da infâmia*. Lisboa: Sextante.
- GALLOIS, Pierre Le, *Traité des plus belles bibliothèques de l'Europe: des premiers livres qui ont été faits, de l'invention de l'imprimerie, des imprimeurs, de plusieurs livres qui ont été perdus et recouvrez par les soins des sçavans, avec une méthode pour dresser une bibliothèque*, Paris, Chez Estienne Michalet, 1680. Disponível em: <http://books.google.pt/books/reader?id=0xLJAAAAcAAJ&hl=pt-PT&printsec=frontcover&output=reader>. Acedido em 22-2-2012.

- History Vatican Library*, disponível em: <http://www.vaticanlibrary.va/home.php?pag=storia>. Acedido em 22-2-2012.
- LOMEIER, Johannes (1680). *De bibliothecis liber singularis*. Ultrajecti: Officina Jhoannes Ribell. Disponível em: http://books.google.co.uk/books?id=22O7AAAAcAAJ&pg=PA418&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=true. Acedido em 5-03-2012.
- MARCADE, Jacques (1978). *Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*. Paris: Centro Cultural Português – Fundação Calouste Gulbenkian.
- MORHOF, Daniel (1732). *Polyhistor, Literarius, Philosophicus et practicus. Cum accessionibus Virorum Clarissimorum Ioannis Frickii et Ioannis Molleri Flensburgensis*, Lubecae, Sumtibus Boekmani, Disponível em: http://books.google.pt/books?id=casWAAAAOAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false <http://books.google.pt/ebooks?id=Ik47AAAAcAAJ&hl=pt-PT>. Acedido em 5-03-2012.
- RIBEIRO, José Silvestre (1871-1914). *Historia dos Estabelecimentos Scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, Academia Real das Ciências, t. 19.
- VAZ, Francisco, coord. (2009b). *D. Manuel do Cenáculo: Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*. Porto: Porto Editora.
- VAZ, Francisco, (coord) (2009a). *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel Do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- VAZ, Francisco (2007). «A ideia de Biblioteca Pública em Portugal nos séculos XVIII e XIX», *O Reino, a Ilhas e o Mar Oceano – Estudos de Homenagem a Artur Teodoro de Matos*, Coordenação de MENESES, Avelino de Freitas e COSTA, João Paulo Oliveira. Lisboa/Ponta Delgada: Universidade dos Açores/Centro de História de Além-Mar Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, Vol. I, p. 169-184.
- VAZ, Francisco (2006). «A Fundação da Biblioteca Pública de Évora», VAZ, Francisco e CALIXTO, J. António, *D. Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*. Vale de Cambra: Caleidoscópio, p. 57-89.
- VAZ, Francisco (2002). *Instrução e Economia. As ideias económicas no discurso da Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Colibri.